

Psicanálise e a prisão do Eu profundo¹

Procurando pensar a partir do título que me foi dado, dei-me conta que mais do que respostas só tinha questões. Tentei pensar a partir da minha própria vida e da das pessoas que tenho o privilégio de acompanhar no seu processo terapêutico, e fui-me confrontando com a dimensão inconsciente no nosso funcionamento, que se manifesta não só naquilo que fazemos e sentimos, mas também nas resistências que nos negam o acesso a esses dinamismos inconscientes, impedindo-nos não só a sua compreensão, como a possibilidade de fazer ou de estar de forma diferente. Mas porque é que tantas vezes não conseguimos deixar de repetir e funcionamos ou levamos os outros a funcionar, de tal forma que fazemos com que aconteça de novo, exactamente o mesmo, repetindo aquilo que não desejamos?

E à medida que me ia questionando sobre a importância do inconsciente, fui-me confrontando com a complexidade do nosso funcionamento psíquico, e, ao mesmo tempo, sentindo que a questão para a qual procurava resposta não era tanto a de saber até onde o inconsciente nos aprisiona, mas muito mais o perceber como nos tornamos capazes de deixar de repetir. Ou dito de outra forma, questionar-me sobre o que é que a psicanálise nos pode dizer sobre a “libertação da liberdade” (Renaud, 2009). E se é verdade que o discurso psicanalítico nos tem falado sobretudo da patologia, dos círculos fechados e repetitivos em que estamos muitas vezes encerrados e dos quais não conseguimos emergir para a vida, acho que a

¹ **Biscaia, C. (2011). Psicanálise e a prisão do Eu profundo, *Revista Portuguesa de Psicanálise* 31(1) : 47-57.**

psicanálise rima muito mais com libertação do que com prisão. Talvez porque para mim, a psicanálise não é apenas uma ciência que procura explicar o funcionamento humano, mas é, sobretudo, um método de investigação da subjectividade e da intersubjectividade humana, sendo, por isso, um processo de contínua investigação de nós próprios e das relações intersubjectivas onde nos criamos e transformamos. O que nos permite dizer que a psicanálise é, também, uma forma de estar na vida, marcada pelo desejo e pela possibilidade dum contínuo questionamento e exploração do nosso mundo interno e relacional, para aí encontrar caminhos de crescimento que permitam sair da repetição para a inovação, retomando o desenvolvimento onde ele ficou suspenso. O mesmo é dizer, marcada pela possibilidade dum “pensamento pensante”, experimentado e vivido, que na relação consigo e com cada outro, se descobre e encontra, transformando-se num diálogo interno, instalado no mais profundo de si mesmo, que não cessa de se dirigir ao outro.

Partindo duma perspectiva pulsional e dinâmica da vida mental, em que esta é vista como um complexo jogo de forças motivacionais que muitas vezes actuam em direcções contraditórias e conflituais, Freud mostrou bem a importância do inconsciente e a forma como este se manifesta e procura emergir quer na patologia, quer na vida quotidiana, quer nos nossos sonhos. Ficava claro que muitos dos nossos comportamentos eram determinados por dados psíquicos, que tinham sido excluídos da consciência e aos quais só conseguíamos ter acesso depois de superadas determinadas resistências, também elas na maioria das vezes inconscientes.

E se desde o início da sua prática clínica, Freud se confrontou com a

importância determinante deste inconsciente dinâmico, resultante dos processos defensivos, nomeadamente do recalçamento, também desde logo o fenómeno da repetição se impôs. No seu texto “Recordar repetir e elaborar” (1914), texto esse em que começa a pensar a questão da compulsão à repetição, Freud fala do repetir enquanto transferência do passado esquecido dentro de nós. Agimos o que não pudemos recordar, e agimos tanto mais, quanto maior for a resistência a recordar, quanto maior for a angústia ou o desprazer, que esse passado recalçado desperta em nós. Mais tarde em “Para além do principio do prazer” (1920), Freud reflecte de novo sobre a compulsão à repetição como algo que se parece impor ao nosso funcionamento psíquico, como acontece, por exemplo, nas neuroses traumáticas, ou em pessoas que parecem ser perseguidas por um destino maligno, que leva a que o mesmo se repita continuamente na sua vida. Dirá Freud, que embora o individuo pareça estar submetido a uma fatalidade exterior, a psicanálise desafia-nos a procurar as causas dessa suposta fatalidade no inconsciente, mais especificamente na compulsão à repetição. Mas como explicar, de acordo com o principio do prazer, que a pessoa seja levada a repetir, a fazer com que aconteça o mesmo, quando este é gerador de desprazer? A resposta parecia levar à necessidade de postular ao lado da repetição das necessidades, a existência duma necessidade de repetição, radicalmente distinta e mais fundamental (Lagache cit in Laplanche e Pontalis, 1971). E Freud vai fazê-lo, definindo a compulsão à repetição enquanto dimensão pulsional, que associa à pulsão de morte. E diz ele“(…) é possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de uma 'compulsão à repetição', procedente dos impulsos instintuais e provavelmente

inerente à própria natureza dos instintos – uma compulsão poderosa o bastante, para prevalecer sobre o princípio de prazer” (Freud, 1920).

Para autores como Green ou Amaral Dias, esta pulsão de morte para Freud seria a procura do amortecimento da dor, através do retorno ao estágio anterior a toda a experiência dolorosa, de forma a conseguir iludir essa mesma experiência (Dias, 2005). E continuando a citar Amaral Dias, poderá parecer paradoxal associar a ideia de apagamento da experiência penosa à repetição dessa mesma experiência. Mas deixa de o ser, quando se percebe que, para Freud, a repetição de uma experiência geradora de mal estar é a procura da produção de angústia necessária, à elaboração psicológica do acontecimento, de forma a mobilizar defesas mais adaptadas para lidar com a situação e assim, evitar a dor e o desprazer (Dias, 2005). E por isso, e cito de novo Freud (1919) “...o que permaneceu incompreendido retorna; como uma alma penada, não tem repouso até encontrar resolução e libertação”.

Mas se olharmos esta realidade não numa perspectiva pulsional, mas sim numa perspectiva relacional e intersubjectiva, na qual o conceito de pulsão perde a sua centralidade, para se passar a considerar que a motivação central do ser humano está na procura de relações com os outros, toda esta problemática ganha novos contornos, permitindo recentrarmo-nos no verdadeiro conflito, que se encontra não entre pulsões opostas e contraditórias, mas sim na relação sujeito / objecto, onde pode ou não ter lugar a maturação do instinto.

Nesta perspectiva, a vida mental passa a ser olhada como uma tapeçaria complexa de relações reais ou fantasiadas entre o eu e os outros, quer no mundo externo, quer no mundo imaginário dos objectos internos

(Greenberg e Mitchell, 2003). A libido deixa de ser a procura do prazer, para se tornar procura do outro, assumindo o mundo real dos objectos e a procura de contacto com estes, um papel preponderante no desenvolvimento. E é na relação com esses outros que a vida mental se constitui, resultando o intrapsíquico da forma como cada sujeito vive e internaliza as suas experiências interpessoais. Quando nascemos somos apenas um embrião de nós próprios à procura do outro, para na relação com esse outro, sermos dados à luz e nos tornarmos no que somos. E se somos desde o início, o que somos emerge da e na relação com o outro, relação essa onde me descubro e encontro. O que nos remete para uma contínua dinâmica entre o interno e o externo, entre o intra e o interpsíquico. Mas se somos desde o início, isto é, se nascemos com um potencial em aberto, que precisa da relação para se exprimir e ganhar forma, então, talvez o inconsciente possa também, ser olhado como um dinamismo fonte de vida, que procura o outro para aí ser dado à luz.

Stern (1980) fala-nos das interacções que se estabelecem na díade mãe-bebé como uma coreografia duma dança, feita de sucessivas movimentações relacionais, onde ambos, mãe e bebé, têm um papel activo. Porque se nesta coreografia, o comportamento materno é a matéria-prima do mundo exterior a partir da qual o bebé se começa a construir, também as características próprias de cada bebé, que desde o início é diferente de todos os outros (quando o sabemos e podemos olhar e reconhecer), têm um papel fundamental. Nesta dança, sempre co-construída, onde as interacções se repetem e se modificam, a partir da auto-regulação e da regulação interactiva (Beebe e Lachmann, 2002), a criança vai construir-se a si, ou construir-se

outro que não ele, organizando um falso self, que não é mais do que uma forma de submissão com a qual procura agradar às exigências do outro para, assim, não perder o seu amor. E aqui é curioso dar-mo-nos conta que é também na repetição que nos constituímos, o que nos leva a pensar na repetição do mesmo, fechado na impossibilidade de ser diferente, ou na repetição que gera o idêntico, que já não é o mesmo e que por isso, se abre à mudança.

Procurando conceptualizar as diferentes dimensões do inconsciente numa perspectiva intersubjectiva, autores como Stolorow e Atwood (2002) falam do “inconsciente pré-reflectido”² que teria a ver com as “conclusões emocionais” sobre si próprio e sobre os outros que a pessoa constroie a partir das suas mútiplas interacções com esses outros. Princípios mais rígidos ou mais flexíveis, mais abertos ou mais fechados à mudança. Princípios organizadores do nosso funcionamento interno e relacional, que são inconscientes, não por terem sido recalçados, mas sim, porque nunca foram tornados conscientes, e por isso agem muitas vezes à margem da nossa consciência. Nesta dimensão do inconsciente, pode incluir-se o “conhecimento relacional implícito” (Lyons-Ruth et al, 1998; Stern et al, 2000), enquanto saber procedural sobre as relações interpessoais, isto é, sobre o “como estar” com alguém, que é composto por esquemas internos de modelos de relação, que resultam da internalização dos padrões de regulação das interacções experimentadas (Stern et al, 2000). Este saber implícito, não consciente, sobre o como estar nas relações, constrói-se,

² Para além do inconsciente pré-reflectido e do inconsciente dinâmico, os autores falam ainda do inconsciente não validado, resultante de experiências que não puderam ser articuladas, porque nunca despertaram nos outros respostas que as validassem. Estas três formas de inconsciente estão profundamente interrelacionadas entre si, sendo sempre resultantes do contexto intersubjectivo em que nos construímos.

assim, na intersubjectividade, tendo a sua génese nos diálogos relacionais, progressivamente mais complexos, que a criança constrói com os outros significativos, diálogos esses feitos de sintonia e de encontro, mas também, de desacertos e desencontros, onde nem sempre há lugar para a reparação. Porque no diálogo relacional são também dois inconscientes que comunicam e se entrecruzam, num denso e complexo jogo de projecções e introjecções, onde se interpenetram o inter e o intrapessoal. E se a criança, enquanto ser de desejo, procura o reconhecimento e o prazer de estar na relação com o outro, esse outro “reage” e está em função do seu próprio mundo interno e daquilo que nele a criança desperta. E nesse espaço intersubjectivo, os afectos que não despertaram respostas de sintonia no meio envolvente, os afectos que não puderam ser reconhecidos e experimentados, os desencontros vividos como intoleráveis e ameaçadores, os conflitos não resolvidos, que põem em risco os vínculos que a criança deseja e dos quais precisa, tendem a ser recalcados e excluídos da consciência, constituindo o inconsciente dinâmico.

Cada um de nós tem assim um estilo relacional próprio, um conjunto de princípios organizadores do seu mundo subjectivo e relacional, que se organizou no seu passado, e que transportamos connosco para as relações com os outros objectos que escolhemos e que nos escolhem e onde se reproduz ou se transforma o passado vivido. Quando na nossa história, o objecto não nos respondeu de forma adequada, ou nós não soubemos encontrar essa resposta, fica uma experiência falhada, a ressonância afectiva da frustração, o recalçamento do desejo do que não aconteceu. Mas fica também, a necessidade de retomar o tempo falhado, a evolução suspensa,

para refazer as lacunas vivenciais e recuperar as experiências fundantes que não pudemos fazer, necessidade essa, que o recalçamento procura também silenciar. E é curioso dar-mos conta que em alemão repetir *Wiederholen* (*Wider* – outra vez *holen* tomar) significa retornar, voltar outra vez, e que na sua etimologia latina (*repetitione*) significa “novo pedir”.

E repetimos muitas vezes sem nos apercebermos sequer que estamos a repetir. Repetimos o que não podemos pensar nem compreender. E repetimos tanto mais, quanto maior a nossa resistência a recordar. Repetimos os modos de funcionamento que utilizámos para evitar o conflito receado, talvez porque vivido como demasiado ameaçador ou para não perder o afecto do outro, mesmo quando este era pobre e desadequado, mas talvez por isso, mais indispensável.

Agora começo a perceber que afinal não era só a minha namorada que se comportava comigo como se tudo lhe fosse devido. Afinal é assim com quase todos os meus amigos. E eu aceito sempre fazer o que eles querem e como querem e depois fico furioso comigo, porque nunca faço o que realmente quero. Mesmos nas viagens com o meu amigo Pedro, sabe que acabo sempre por fazer o que ele quer e só raramente e com grande esforço, é que faço as coisas que realmente me interessam. E aí sinto-me mal, por estar a impor aos outros a minha vontade. Como se não tivesse direito a fazê-lo. E o pior é que mesmo eu aceitando tudo, ela acabou por se ir embora e me deixar.

Repetimos na esperança que desta vez seja diferente, na esperança de poder finalmente satisfazer o desejo não realizado, o desejo de sermos amados e reconhecidos. Repetimos na esperança de um dia encontrar o que

não tivemos, mas que idealizámos, encerrados num passado que nos aprisiona o futuro, e onde muitas vezes, nomeadamente na experiência depressiva, a auto-desvalorização e a culpabilização jogam um papel central, na tentativa do sujeito explicar o vivido.

Não consigo fazer diferente. Até já percebi aqui consigo, que não é isto que quero, mas depois volto sempre ao mesmo. Enrolada no meu canto, arranjo desculpas para não sair e depois sinto-me sózinha, à espera que alguém telefone. Acabo por achar que não presto para nada e que, por isso, ninguém me telefona E acabo por ser eu a telefonar para casa. Será que continuo à espera que a minha mãe desta vez se interesse por mim? Mas como sempre, ao fim de 2 minutos está-me a falar do minha irmã mais nova ou a dizer-me as coisas que precisa que eu faça. E eu acabo por ir fazer o que ela me pede, furiosa comigo própria por o estar a fazer.

E assim, reféns do passado falhado, vivido, mas não compreendido e muito menos resolvido, fazemos acontecer de novo. E ficamos presos à repetição desse passado, que parece impor-nos um destino, que determina os acontecimentos, mesmo antes que eles aconteçam. Repetimos o mesmo, porque atulhados de lixos e resíduos tóxicos, de raivas e culpabilidades inconsequentes, ficamos prisioneiros de percas vividas como irreparáveis, enleados em conflitos interiores e em dinâmicas relacionais que nos fecham em círculos viciosos que parecem sem saída e que nos impedem de nos tornarmos senhores dos nossos afectos Porque se são os laços afectivos que nos dão vida, estes, quando mal vividos, podem tornar-se algemas, prisões infantis que, bloqueando a nossa capacidade de pensar e sonhar livremente, nos prendem e asfixiam, não nos deixando emergir para a vida.

Começo a sentir-me a fazer cada vez mais o mesmo . Quando estou aqui confronto-me com as coisas, mas depois é como se elas não existissem. Pairo em cima da vida, sem me meter nela. Há como que uma insegurança de fundo, que não me deixa ser eu. Quando vou ao Algarve trabalhar fico em casa dos meus pais. É estranho, mas quando estou lá, sinto uma espécie de ansiedade que me invade. Talvez tenha vindo trabalhar para Lisboa para fugir a isso. Desta vez, quando fui ao Algarve, estava lá a minha tia que vive através dos outros. Impõe-nos a sua vontade, como se só essa tivesse sentido. E o meu pai funciona da mesma maneira. Será que ele quer que eu o compense daquilo que a vida não lhe deu? Não sei, acho que nunca pude ser eu. No entanto, lembro-me de na adolescência gostar de ficar sozinho, numa espécie de tristeza que me sabia bem, a sonhar com as coisas que queria fazer e que acabei por nunca fazer. Aí, acho que me sentia eu, mas era como se estivesse a lamber as feridas.

Onde está o inconsciente deve passar a estar o eu, dizia Freud. Mas acho que o que a psicanálise hoje nos propõe, não é apenas o acesso ao passado recalçado, a recuperação do excluído da consciência, mas sim o abrir o sujeito à possibilidade de estar numa forma nova com os objectos do seu passado, mas também com novos objectos agora por si mais livremente escolhidos.

Certamente que na experiência analítica, a compreensão do passado relacional vivido aparece como uma dimensão fundamental. Compreensão que passa pela análise da transferência e da contra-transferência, que se traduz em interpretações abertas e não saturadas, que permitem “ressignificar o passado” (Matos,2008), reconstruindo a história vivida. Compreensão que

nasce sempre da intersubjectividade do par analítico, e que, por isso, é sempre co-construída, numa actividade de colaboração criativa. Porque no processo analítico, a compreensão “é um processo intra e interpessoal de reconhecimento, verbalizável ou não, de funcionamentos psíquicos previamente inacessíveis” (Cooper, 1992: 84). Está, por isso, muito para além do conhecimento geral, implicando a interacção real, vivida e compreendida emocionalmente, onde é possível construir uma narrativa diferente, resultante da atribuição de novos sentidos que a experiência actual torna possível. Se assim não for, pode mudar aquilo que o sujeito diz sobre si próprio, mas não aquilo que intrinsecamente é, ficando com uma narrativa que não é a sua, mas que lhe é imposta pelo outro, pele que se cola ao exterior de si mesmo e que o faz parecer diferente, mas que não gera uma transformação profunda. Um pouco como o bebé que não se podendo ver a si no olhar da mãe, vê apenas a mãe, sendo levado a internalizar partes desta, que vão reforçar o seu falso *self*, em vez de se poder descobrir a si próprio, na circularidade desse “banho de afectos” vivido a dois.

Se a experiência analítica é uma relação criadora, é porque é uma experiência de encontro, que se tece sempre de luz – conhecimento - e calor – afecto, numa interacção comunicativa duplamente observada e reflectida, pelo analista e pelo analisando (Matos, 2002). É, por isso, uma cura pela relação, que a palavra imbuída de afecto ilumina. Porque o mundo intersubjectivo é, também, o da palavra partilhada. Palavra com que me narro e experimento, numa relação feita de “contacto emocional genuíno”, nas palavras de Fairbairn. Palavra que, num espaço sentido como seguro, fiável e responsivo, se torna instrumento que transforma a relação com a realidade

vivida, abrindo a porta à criação de novos significados e sentidos. Palavra, que é sempre co-construída no espaço da interacção, o que faz com que a actividade narrativa e a actividade de compreensão e de interpretação, sejam sempre actos relacionais, cujo efeito terapêutico advém da experiência que permite a cada um dizer-se e sentir-se reconhecido na sua verdade. Porque é quando nos podemos dizer a alguém, que nos pode reconhecer na nossa verdade, que nos recriamos, dando-nos a esse outro, que por sua vez, se diz, dizendo-nos. E se diz pela palavra, mas também ou sobretudo, pela forma como está e por aquilo que é. E nesta experiência emocional compartilhada e conjuntamente pensada, torno-me não só mais capaz de criar novas narrativas, mas também de as viver, no sonho e na vida. Porque a experiência analítica permite não só de construção duma nova narrativa, mas também, o desenvolvimento da “competência narrativa” (Ferro, 2004) do analisando, o desenvolvimento da sua capacidade de pensar e sonhar. E é por isso, também, que o que o processo analítico nos propõe, não é apenas a transformação dos conflitos inconscientes do analisando em conhecimento consciente, mas sim, a transformação do estilo relacional patológico e patogénico, num estilo relacional novo e criativo, que permite sair da repetição para a inovação, e assim, restaurando o processo criativo, retomar o crescimento psíquico onde ele ficou suspenso (Matos, 2002). O que só acontece, no espaço duma relação afectiva e efectiva com um outro diferente, em que se cria um novo contexto intersubjectivo. “A experiência passada é então recontextualizada no presente, de maneira tal que a pessoa opera a partir de uma paisagem mental diferente, o que resulta, no presente e no futuro, em novos comportamentos e experiências” (Stern et al, 2000: 211). E o

sujeito descobre-se diferente, mais sujeito, porque mais capaz de construir e viver a sua vida. Está agora mais solto, mais capaz de dançar, o que possibilita o aparecimento de novas movimentações, geradoras de novas coreografias e de novas melodias ao som das quais se pode abrir a outras formas de estar na relação consigo e com os outros, tornando-se ele mesmo num outro, mais igual a si próprio.

Desta forma, a psicanálise fala-nos dum caminho de “libertação da liberdade” que passa pela possibilidade de, a partir duma relação de encontro, na qual a forma como me conheço e a forma como sou conhecido se sobrepõem, criar o espaço necessário para que um presente diferente aconteça. Um presente que nos permite ficar com um novo passado e desfazer esse destino, que transforma o futuro num fado que nos determina. Mas é um caminho que passa também, pelo devolver ao sujeito o seu sentido de autoria, abrindo-o assim, à possibilidade de construção de experiências novas, geradoras dum destino desejado e por ele construído, no qual se possa exprimir o seu verdadeiro idioma (Bollas,1996).

E termino dizendo, que se a psicanálise nos mostra que dependemos radicalmente do outro, nos mostra também, que não é tanto o que nos fizeram que determina a nossa vida, mas sim aquilo que nós podemos fazer com o que nos fizeram. Porque se nos criamos na relação com o outro, somos nós que nos criamos, quando na relação com esses outros, podemos desenvolver um sentido de autoria que, pela aceitação criativa e transformadora da realidade, nos permite caminhar no sentido da “libertação da liberdade”. Num caminhar nem sempre fácil, nem sempre claro, no qual, o processo analítico, enquanto instrumento de contínuo questionamento e

procura, pode contribuir para a compreensão do caminho que queremos trilhar e da forma como o queremos fazer, sempre na relação com o outro. Porque “a criatividade é uma qualidade da mente amante e não apenas desejante” (Matos, 2002 : 430). E se o desejo nos conduz ao sonho, é o amor experimentado e partilhado que nos transforma. É nele que nos tornamos criadores. E aí, a “libertação da liberdade” torna-se uma espiral evolutiva que se abre ao futuro, a partir duma interioridade viva e criadora, que não cessa de se dirigir à vida, através de cada outro.

Referências Bibliográficas

- Beebe, B e Lachmann, F. (2002). *Infant research and adult treatment. Co-Constructing interactions*. London: The Analytic Press.
- Bollas, C. (1996). *Les forces de la destinée*. Paris : Calmann-Levy.
- Cooper, A. (1992). Cambio psíquico: desarrollos en la teoría de la técnica psicoanalítica. *Libro Anual de Psicanálise*, VIII, 81-86.
- Dias, C. Amaral (2005). Repetição e Risco, *Análise Psicológica*, 1 (XXIII): 5-10.
- Ferro, A.(2004). *Facteurs de maladie. Facteurs de guérison*. Paris : Press Edition.
- Freud, S. (1914). *Recordar, repetir e elaborar*
- Freud, S. (1920). *Para além do princípio do prazer*
- Greenberg, J e Mitchell, S. (2003). *Relações de Objecto na Teoria Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi Ed.
- Laplanche, J. e Pontalis, J-B. (1971). *Vocabulário da Psicanálise*. Lisboa: Moraes Ed.
- Lyons-Ruth, K. et al (grupo de estudos do processo de mudança) (1998). Implicit Relational Knowing: its role in development and psychoanalytic treatment. *Infant Mental Health Journal* 19 (3), 282-289.
- Matos, A. Coimbra (2008). A função da psicanálise na resignificação dos vínculos preexistentes e na construção de novas ligações: o processo de mudança na cura analítica e a mudança no processo analítico. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 28 (1): 9-21

- Matos, A. Coimbra (2002). *Psicanálise e psicoterapia e psicanalítica*. Lisboa: Climepsi Ed.
- Stern, D. (1980). *Bebé-mãe: primeira relação humana*. Lisboa: Moraes Ed.
- Stern, D. et al (grupo de estudos do processo de mudança) (2000). Mecanismos não-interpretativos na terapia psicanalítica. “Algo mais” além da interpretação. *Livro Anual de Psicanálise*, XIV, 197-214.
- Stolorow e Atwood (2002). *Contexts of being. The intersubjective foundations of psychological life*. New York: Psychology press.

A Psicanálise e a prisão do eu profundo

Resumo - Neste texto reflecte-se sobre o papel dos processos de repetição no nosso funcionamento psíquico, a partir duma perspectiva relacional e intersubjectiva.

Palavras chave – inconsciente, repetição, intersubjectividade.

Psychoanalysis and the imprisonment of the inner self

Summary – This paper seeks to reflect on the role of repetition in the processes of our mental functioning, from a relational and intersubjective perspective.

Keywords – unconsciousness, repetition, intersubjectivity.